

A “zoologia imaginária” em narrativas de Sultana Levy Rosenblatt e de Elizabeth Azize

La “zoología imaginaria” en narrativas de Sultana Levy Rosenblatt y de Elizabeth Azize

Adalto Sebastião da Silva Junior¹
Thiago Machado²

Resumo: Esse trabalho propõe um estudo crítico-analítico referente à existência dos animais imaginários no conto “Mãe de rei”, publicado em *No Pará-Parô* (1986), de Sultana Levy Rosenblatt, e no romance *E Deus chorou sobre o rio* (2019), de Elizabeth Azize. A partir de uma metodologia de natureza bibliográfica, segundo uma abordagem comparatista dos textos, tem-se em vista os estudos de Greg Garrard (2006), Maria Esther Maciel (2008; 2011; 2016; 2023), Jesus Paes Loureiro (2015), Alessandra Conde (2024; 2025), entre outros. Considera-se, para tal fim, como se apresentam nas narrativas das escritoras, Rosenblatt e Azize, de ascendência judaico-marroquina e sírio-libanesa, elementos do imaginário amazônico não-humano – o boto e a Cobra-Grande – e a relação desses seres em contato com os humanos e a natureza.

Palavras-chave: Ecocrítica; Zooliteratura; Sultana Levy Rosenblatt; Elizabeth Azize

Resumen: Este trabajo propone un estudio crítico-analítico sobre la existencia de animales imaginarios en el cuento "Mãe de rei", publicado en *No Pará-Parô* (1986), de Sultana Levy Rosenblatt, y en la novela *E Deus chorou sobre o rio* (2019), de Elizabeth Azize. A partir de una metodología de naturaleza bibliográfica, según un enfoque comparatista de los textos, se toman como referencia los estudios de Greg Garrard (2006), Maria Esther Maciel (2008; 2011; 2016; 2023), Jesus Paes Loureiro (2015), Alessandra Conde (2021; 2024; 2025), entre otros. Se considera, para tal fin, cómo se presentan en las narrativas de las autoras Rosenblatt y Azize, de ascendencia judeo-marroquí y sirio-libanesa, respectivamente, elementos del imaginario amazónico no humano – el boto y la Cobra Grande – y la relación de estos seres con los humanos y la naturaleza.

Palabras clave: Ecocrítica; Zooliteratura; Sultana Levy Rosenblatt; Elizabeth Azize

1 Introdução

O relacionamento entre os humanos e a natureza tem sido tematizado nos mais variados meios culturais, principalmente no campo das artes: cinema, música, literatura, por exemplo. Em *Ecocrítica* (2006), Greg Garrard apresenta considerações a respeito da relação do homem com o ambiente ecológico, ao definir o termo “Ecocrítica” como a união entre literatura e o contexto natural, uma abordagem de estudos que permite analisar os produtos culturais “nos

¹Discente do curso de Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará, campus universitário de Bragança. E-mail: js1446750@gmail.com.

²Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), bolsista CAPES. Membro do Núcleo de Estudos Sefarditas na Amazônia (NESA). Email: gabrielthiago962@gmail.com.

quais e por meio dos quais ocorrem as complexas negociações entre a natureza e a cultura” (Garrard, 2006, p. 16). Muitos textos literários ecoam questões referentes às relações existentes entre o homem e o meio ambiente.

Em acréscimo às contribuições de Garrard, as ecoteorias, assim conhecidas – a Ecoficção, Ecotradução e Ecoliteratura –, despontam como grupo de investigação a respeito das questões concernentes ao homem e ao espaço natural. Leva-se, no texto literário, em consideração, as personagens e os discursos construídos sobre o homem e a natureza no processo de escrita, isto é, da literatura, como declara Marie-Hélène Torres (2023). A pesquisadora destaca essas expressões nos estudos sobre tradução da literatura de viagem ocorridas no Brasil do século XVI a XX, em especial, em casos de escritos sobre a Amazônia. Entre as diferentes abordagens que despontam no conjunto desses estudos, a Zooliteratura emerge na investigação literária dos animais em contato com o homem.

Maria Esther Maciel, uma das principais pesquisadoras nesse campo, explica o panorama dos estudos que regem o animal humano e não-humano, ou seja, os bichos e os seres humanos:

A representação dos animais na literatura ganha, assim, novos contornos e uma notável complexidade, visto que, sobretudo a partir do século XX, a zooliteratura coloca-se também como espaço de reflexão crítica sobre a questão animal num mundo em que o homem se define a partir da dominação que exerce sobre os viventes não-humanos e, simultaneamente, utiliza o animal para justificar a dominação sobre outros seres humanos (Maciel, 2008, p. 17-18).

Maciel elucida o aparecimento dos animais presentes na literatura a partir de uma designação das “diferentes práticas literárias ou obras (de um autor, de um país, de uma época) que se voltam a pensar o animal” (Maciel, 2016, p. 14). Nesse sentido, os estudos que se voltam a entender os bichos na literatura são expandidos, por um lado, como constituição de um catálogo dessas criaturas, por outro, um estudo teórico dos escritos literários em que os animais aparecem e as características estéticas específicas de um escritor ou escritora para esse mundo zoológico (Maciel, 2016). Ademais, sob a influência de Jorge Luis Borges e do *Manual de Zoología Fantástica*, publicado em 1957, a pesquisadora destaca a confluência da zoologia real e uma imaginária nos textos literários, “[que] passou a acolher ambos os tipos, separados ou mesclados, tornando-se um ponto de confluência de todas as zoologias possíveis e impossíveis” (Maciel, 2016, p. 20).

Dessa forma, as noções que envolvem os animais tiveram grande impacto nos escritos da literatura ocidental, principalmente em vista de uma “[...] análise cultural da representação

deles” (Garrard, 2008, p. 192). Diante disso, a ligação existente entre os seres humanos e não-humanos converge para uma aparição crítica e literária sobre o papel que esses seres exercem no mundo, “de maneira que a sondagem das subjetividades alheias possa ser feita e traduzida em palavras” (Maciel, 2023, p. 32). Em uma abordagem que leva em consideração os animais, sobressai uma nova perspectiva: dos bichos como agentes principais das histórias, em que seus aspectos e fatores assumem protagonismo frente às relações que regem o homem e o meio social.

Nesse sentido, Sultana Levy Rosenblatt e Elizabeth Azize, escritoras descendentes de judeus-marroquinos e sírio-libaneses, respectivamente, despontam nesse panorama. Ambas dedicaram algumas de suas obras a pensar a presença dos animais, em especial, os bichos amazônicos: o boto e a Cobra-Grande. Os seres referenciados em “Mãe de rei”, publicado em *No Pará-Parô* (1986), de Rosenblatt, e *E Deus chorou sobre o rio* (2019), de Azize, desvelam a relação do homem com a natureza, exibindo características que são próprias do imaginário da Amazônia, uma “zoologia imaginária” evocada pela cultura da região norte do Brasil.

2 Encontros entre o humano e não-humano

No que diz respeito à literatura, pode-se reconhecer as ocorrências em que autores e autoras utilizaram da imagem dos animais na constituição de suas obras, por meio de metáforas ou outros tipos de representação nos textos literários, em vista da necessidade de conceber tais seres como portadoras de sentidos (Lestel, 2011). No contexto amazônico, a vinda dos imigrantes judeus, sírio-libaneses, espanhóis, italianos, japoneses, entre outros, à região é tematizada sob a influência dos traços da cultura da Amazônia, entre eles, a presença dos animais míticos. Como atesta Alessandra Conde em “A Amazônia Judaica na Literatura” (2024), escritores judeus, não-judeus ou descendentes de judeus, como classifica a pesquisadora, tematizaram a presença judaica na região.

Sultana Levy Rosenblatt e Elizabeth Azize são filhas de imigrantes que tiveram o espaço amazônico como lugar de morada. Dentre as obras das autoras, são destacadas as memórias e os acontecimentos pertencentes aos estrangeiros que se deslocaram da África e do Oriente Médio, fugindo das perseguições e violências sofridas por eles em busca de melhorias de vida durante o Ciclo da Borracha no Brasil. Nesse contexto, o movimento migratório contribuiu significativamente nas esferas social, econômica e cultural da Amazônia (Conde, 2025), no qual a participação desses povos no cotidiano da época se deu especialmente nas localidades

interioranas, nas regiões que abarcavam Belém e Manaus, como aponta Samuel Benchimol em *Amazônia: Formação social e cultural* (2009).

Diante desse panorama, são manifestadas as marcas culturais do estrangeiro e do local nas narrativas de Azize e Rosenblatt. É o espaço amazônico que se destaca, quer como ambiente ligado às relações interculturais observadas em *E Deus chorou sobre o rio*, quer como compreensão do povo ribeirinho em contato com a natureza, percebido em “Mãe de Rei”. Nessas tramas, a presença dos animais amazônicos constitui-se como ponte a fim de entender o relacionamento entre o humano, o não-humano e o funcionamento dessas entidades em contato com o povo e o espaço natural.

Em *E Deus chorou sobre o rio*, é apresentada a história de Marmud, imigrante sírio-libanês que se instala, junto com a família, em terras amazônicas, no início do século XX. As experiências vividas pelos personagens ecoam as condições e situações que muitos imigrantes da região árabe experienciaram no contexto do ciclo da borracha, na Amazônia, especialmente, no que diz respeito às relações e às tradições que são observadas no decorrer da trama. As passagens de Marmud como regatão representam as relações firmadas no contexto social e econômico predominante da época, inclusive, ao constituir a figura do boto encantado como representação simbólica entre os estrangeiros e o local.

No conto “Mãe de rei”, a história recai sobre Ambrósia, uma mulher ribeirinha que dá à luz a João-Maria em circunstâncias precárias e envoltas em mistério. Um narrador-personagem é quem nos relata os acontecimentos que envolvem mãe e filha. Na descrição que segue sobre a presença de João-Maria, esta é caracterizada como uma menina isolada e protegida pela mãe, levantando suspeitas sobre a sua identidade pela comunidade local. À sombra das suposições, a narrativa toma curso com João-Maria gerando uma criatura, a Cobra-Grande, a serpente pertencente ao reino das águas.

Nesse sentido, o imaginário amazônico desponha para ampliar a compreensão sobre os animais. João de Jesus Paes Loureiro, em *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário* (2015), elucida a atuação desse fator ligado ao povo amazônico, que condiz sobre a produção de sua linguagem cultural decorrente de seus costumes e valores. Particularmente, essa linguagem manifesta-se no relacionamento entre o homem e a natureza, concebida a partir dos esforços do cotidiano, possibilitando transformar suas vivências e seus sentimentos em histórias (Loureiro, 2015).

Além disso, Paes Loureiro esclarece a participação dos componentes naturais da Amazônia em contato com a perspectiva do imaginário:

É uma contemplação que estabelece equilíbrio de limite e grandeza do homem com a natureza. Diante dessa natureza magnífica e desmedida, ele a dimensiona segundo as medidas de humanidade. Confere à natureza uma dimensão espiritual, povoando-a de mitos, recobrando-a de superstições, destacando-lhe uma emotividade sensível, tornando-a lugar do ser, materializando nela sua criatividade, ultrapassando sua contingência na medida em que faz dela um lugar de transcendência (Loureiro, 2015, p. 200).

Os elementos naturais da geografia amazônica e os animais presentes nesse ambiente relacionam-se com o viver e o pertencer dos habitantes locais. Assim, a terra, o mar, os rios, não apenas simbolizam e marcam os traços da ambiência natural, mas, também, constituem-se como elementos culturais em união com as figuras não-humanas e as ações dos indivíduos. No caso das narrativas de Roseblatt e de Azize, os espaços mostram-se significativos, sendo, conforme a teoria referente ao ambiente discutida por Arnaldo Franco Junior (2009, p. 45) como “uma referência material marcada pela tridimensionalidade que situa o lugar onde personagens, situações e ações são realizadas”.

Emerge, nesse viés, representações dos sentidos que os animais exercem sobre os humanos, que diz respeito à influência dos aspectos que envolvem a vida humana, as experiências e também a memória (Andermann, 2011). No caso dos bichos presentes em *E Deus chorou sobre o rio* e em “Mãe de rei”, as conexões que serão observadas atuam “como se se tratasse de um só entorno ou conjunto social e natural” (Andermann, 2011, p. 259) dada a ligação que esses seres ecoam na cultura da Amazônia e como eles se conectam aos indivíduos pertencentes à região.

Num esforço de contar as experiências desses sujeitos, é concedida a participação dos animais nessas histórias, principalmente uma conexão entre animal humano, não-humano e natureza. As narrativas produzidas no interior do corpo amazônico estabelece o acesso para outras comunidades: “[...] são janelas que levam nosso olhar para outros espectros e outras sociedades”, como aponta Ana Pizarro (2023, p. 172) em *Vôo do Tukui*. Nas narrativas de Azize e Rosenblatt, os animais analisados não apenas constituem-se como resultados dessa produção dos povos amazônicos, mas também conduz na compreensão dessas criaturas como formadoras de experiência e de sentido, real e imaginário, para os locais, os trabalhadores, as pessoas simples da terra, ou para os escritores que tematizaram esses fenômenos sócio-culturais em suas obras.

Ao referenciar as criaturas míticas – o boto e a Cobra-Grande –, percebem-se as práticas engendradas pelos imigrantes em contato com o povo local nos acontecimentos que se realizam em *E Deus chorou sobre o rio* ou a participação da natureza como o refúgio em “Mãe de rei”.

Dessa forma, discutiremos a seguir como os animais se apresentam especificamente nessas histórias.

3 Os animais imaginários: o boto e a Cobra-Grande

No que tange à presença do boto no imaginário popular amazônico, Paes Loureiro (2015) destaca duas formas de representação do animal: o Boto-preto e o Boto-vermelho. O Boto-preto é conhecido por ser aquele que protege, enquanto o Boto-vermelho é o sedutor. Manifesta-se, na imagem do boto-vermelho, a capacidade transformativa em homens sedutores, atraindo a atenção das mulheres, numa condição em que um “sinal identificador que guardam é um buraco no meio da cabeça, por onde respiram com certo ruído” (Paes Loureiro, 2015, p. 212). Em vista dessas características, percebe-se uma dimensão híbrida desse animal no imaginário amazônico, em uma conversão realizada, seja como golfinho das águas ou como homem na terra. Sob esses planos, em *E Deus chorou sobre o rio*, o boto surge na narrativa tanto no relato mítico desse ser entre a população local, quanto representado por objetos simbólicos que emergem da cultura amazônica

No romance, uma das primeiras referências ao boto acontece mediante relatos dos viajantes e trabalhadores da região. A partir dos encontros e das passagens entre um local e outro, os barqueiros se tornam o principal meio sobre o conhecimento dessas aparições. João Careiro, “que comandava um motor de leite” (Azize, 2019, p. 82), em uma de suas paragens, relata a aparição do boto às crianças que “[...] não perdiam as histórias [...] e, tirante o medo que sentiam, vibravam com os bichos e as assombrações que andavam à solta pelo mundo” (Azize, 2019, p. 82). Em certo momento, João Careiro narra um acontecimento que, segundo o narrador, “viveu uma odisseia que contava com vantagem” (Azize, 2019, p. 82):

O forró ia engolindo a noite, buscando a madrugada que chegava no cantar dos músicos, cheirando a suor e cachaça que corria solta. De repente, aquele boca aberta no salão todo. Entrou no recinto um rapaz bonito, todo vestido de branco, de paletó e tudo, terno bem passado e engomado e um chapéu branco de fita marrom, na cabeça. Com muita elegância se aproximou de Das Dores, a moça mais bonita da festa e do Cambixe (Azize, 2019, p. 83).

Mais adiante na narrativa, o barqueiro confirma às crianças o surgimento do boto: “Quem era, seu João? perguntou a meninada que ouvia de olho arregalado. Era um boto! - disse, sem nenhum espanto” (Azize, 2019, p. 84). O traje branco, um paletó, ganha destaque como simbologia pertencente ao animal metamorfoseado em homem. A criatura aparece em festas

sem ser convidado, atraindo e seduzindo o coração das moças. Essa significação do charme e do belo na figura do homem também se relaciona aos donos dos regatões, os comerciantes das embarcações que transportavam mercadorias na Amazônia. No decorrer da trama, é possível perceber traços característicos do boto mítico evocados em aspectos da história do protagonista Marmud. O boto sedutor e Marmud constituem-se como seres ligados aos rios e amantes de mulheres.

É evidenciado nos acontecimentos que se desenrolam entre Marmud e as demais personagens da narrativa as conexões que envolvem os chefes dos regatões à imagem do animal transformado em homem, como resultado do fluxo comercial e das atividades que esses comerciantes desempenhavam socialmente. O movimento dessas embarcações efetuavam fortes meios de transmissão de conhecimento e informação nas pausas realizadas nos portos, incluindo a utilização desses momentos de lazer em contato comercial entre a população (Loureiro, 1995). Com o efeito da imagem do animal transformado, “[...] os donos de regatão beneficiavam-se com a imagem do Boto. Especialmente quanto à elegância carismática da roupa branca” (Loureiro, 2015, p. 222).

O protagonista expressa a sensualidade representada pelo imaginário popular. Moças da região encantam-se pelo estrangeiro que, à moda do boto, seduz corpos e almas femininas: “Marmud a bordo conversava o corpo e o coração de uma cabocla que ele ficou de olho desde que ela embarcou no Baixio” (Azize, 2019, p. 184). Nos acontecimentos que sucedem, é descrito o envolvimento entre Marmud e a moça. Como é relatado pelo narrador, o protagonista se vê encantado pela mulher, presenteando-a, o que mais adiante resulta em um ato carnal entre os envolvidos: “no porto da cidade, deixou todo mundo desembarcar e puxou a cabocla para o camarote” (Azize, 2019, p. 184). Essa passagem do romance alude a uma tentativa de incorporar no protagonista traços da imagem mítica do boto. O personagem é um sedutor, tal como conhecido nos saberes populares sobre o animal. Sob o desígnio de ser o barqueiro dos rios da Amazônia, o dono do regatão aproveita certos momentos para o trato social entre os portos. Essa sociabilidade é caracterizada, assim como instantes de lazer, aproveitando amores passageiros, “[...] que deixa as mulheres fora de si mesmas, fazendo-as esquecer todas as normas para seguir somente o impulso ardoroso desse ser de puro gozo [...]” (Loureiro, 1995, p. 213). Assim como o boto, Marmud torna-se o amante dos rios.

Um outro elemento que aparece em torno da figura fantástica desse animal é o amuleto, um olho de boto. Este item compreende as habilidades sedutoras que o homem, em sua posse, poderia obter: “usar um olho de boto significa tornar-se irresistível às mulheres” (Paes Loureiro,

1995, p. 220). Pretinho, companheiro das viagens realizadas por Marmud em sua Jatahy, é questionado pelo protagonista do porquê dessa propriedade:

Pretinho polia um olho de boto para levar de presente a um irmão seu.
 — Bra quem essa olho de boto, Pretinho? - perguntou Marmud.
 — Pro meu irmão, seu Marmud, que ele tá meio azarado com esse negócio de mulher, explicou o marinheiro da Jatahy (Azize, 2019, p. 162).

Sob o signo do talismã encantado, a imagem do boto associado ao objeto ganha significação quando ligada aos tratos sociais entre o barqueiro e as mulheres. Como já mencionado, essa ideia aproxima Marmud a uma concepção estetizante da beleza e do charme provenientes da imagem do animal mítico: “O olhar e o ser-olhado. A potência do olhar” (Paes Loureiro, 2015, p. 221). Nessa ótica, o objeto ganha uma dimensão metafórica sobre o prazer sexual advindo do homem, uma habilidade que é transferida a quem se apossa desse amuleto. Esse panorama clareia as inserções do imaginário popular amazônico na região. No caso de *E Deus chorou sobre o rio*, percebem-se as manifestações do cotidiano do estrangeiro sírio-libanês às práticas geradas por essa ótica mítica e poética dos povos amazônidas. Marmud, em contato com os indivíduos dessas regiões, associa-se à imagem do animal não-humano, o boto, considerando as relações interculturais que são firmadas nesse contexto.

Em vista do que foi apresentado no romance, entende-se a condição imaginária que os animais são representados, em particular, a condição encantada que o boto representa no conhecimento popular. Sob essa noção, mesclam-se fatores míticos da cultura amazônica, especialmente, àqueles histórias formadas pelos povos que migraram para a região. Essa influência recebida pelas práticas dos povos locais aos estrangeiros revela as fronteiras entre o animal humano e não-humano. Dessa maneira, como pontua Maciel (2023), “acedemos a outra margem” (Maciel, 2023, p. 23), a desses animais que participam do convívio entre os indivíduos, ao passo que demonstra os impactos de uma animalidade aos próprios sujeitos.

O animal, nesse sentido, configura novas perspectivas como seres fantásticos, não apenas como animais pertencentes à fauna e à flora do ambiente amazônico, mas, também, por explicar outras formas de existências do homem humano e não-humano. Essa transfiguração entre a imagem do animal e do humano metamorfoseado dialoga com o pensamento dessas criaturas como agentes híbridos e fronteirios, uma pluralidade por intermédio da literatura (Maciel, 2023). É na construção imaginativa que essas representações ganham força diante dos escritos, também atribuindo a esses fenômenos simbólicos uma subjetividade animal. Na fronteira entre o animal humano e não-humano, as tendências biologizantes se afastam e

concedem a esses seres uma imensa teia de conexões simbólicas, dentre as mais simples ou profundas, segundo aponta o professor e filósofo Dominique Lestel (2011).

A partir do entrelace dos animais imaginários, a mistura de signos e significações se intensifica, tendo em vista o afastamento das categorias entre animal humano e não-humano como objetos de campos específicos sobre o saber biológico e histórico: “O animal não é, portanto, somente um objeto da zoologia ou da etologia” (Lestel, 2011, p. 24). Nesse contexto, emerge desses espaços a Cobra-Grande no imaginário amazônico, o animal como ponte entre o humano, não-humano e o mundo natural.

No conto “Mãe de Rei”, a figura da Cobra-Grande é revelada como fruto de um nascimento por uma das personagens da narrativa, João-Maria, possibilitando observar as fronteiras entre o humano e o não-humano, além de evidenciar um confronto entre homem e natureza. A partir de uma aproximação entre o homem e o animal, observa-se o encontro entre esses seres, uma ligação com o espaço local que é palco das hábitos e dos costumes das comunidades pertencentes a essas regiões: “uma leitura contemplativa da paisagem, dentro da qual o homem se vê incluído” (Paes Loureiro, 2015, p. 226). A vida cotidiana dos grupos ribeirinhos está indissolivelmente ligada ao mundo dos rios; é um modo no qual eles organizam suas vidas e suas práticas.

Sobre uma dimensão espacial em que o rio é concebido, numa espécie de mediador entre o ambiente e as sociedades nesses espaços, Paes Loureiro destaca:

Os rios da Amazônia são relógios e calendários da vida na região. E no ritmo das vazantes e das enchentes, das marés diárias ou fenômenos semestrais como no alto e médio Amazonas que os rios se constituem no relógio e no calendário regionais. A vida olha o rio, os homens regulam seu cotidiano pelo movimento das águas. Numa região de vastidões, de terras-do-sem-fim, o caboclo tem de fixar-se no detalhe da paisagem, porque é dessa intimidade com a natureza que resulta o conhecimento da sua existência (Paes Loureiro, 2015, p. 225-226).

Uma explicação sobre a Cobra-Grande é conferida por Maria Goretti Ribeiro, em *Imaginário da serpente de A a Z* (2017):

Do Tupi, mboi, “cobra”, e una, “prata”, é a serpente que fascina o caboclo nortista brasileiro. Trata-se de uma das famosas criações do imaginário desse povo, de cultura essencialmente primitiva e rica, que aparece sob diferentes versões e de acordo com as feições que o animal adquire graças às suas metamorfoses. Ela é capaz de se transformar em muitas coisas, inclusive em embarcação a vapor ou à vela para atrair e desorientar as suas vítimas nos grandes rios amazônicos (Ribeiro, 2017, p. 34).

Dentre as características fantásticas que formam essa criatura, a autora enfatiza aspectos muito presentes no imaginário popular amazônico. É o conhecimento, por exemplo, da serpente transformada em embarcação, iluminando com os seus faróis as águas por onde se movimenta. Ademais, a boiuna, ou Cobra-Grande, é vista principalmente à noite, capaz de se aproximar dos remansos dos igarapés e atrair os desavisados para as profundezas dos rios (Ribeiro, 2017). Entretanto, como veremos em “Mãe de rei”, não é a figura mítica da serpente como navio encantado que a narrativa toma curso, mas, sim, de um ser híbrido que atravessa a fronteira entre os homens e os bichos. No correr da narrativa, o mundo das águas será o reino desses seres mesclados entre o humano e não-humano como espaço de refúgio frente à crise ecológica.

O ser híbrido que é apresentado decorre de João-Maria, filha de Ambrósia, ambas ribeirinhas. Mediante as condutas das personagens com o espaço, pode-se perceber determinadas formas de afinidades construídas com os rios, os mares e as florestas, elementos interligados à vida dessas comunidades. Como bem pontuado por Paes Loureiro (2015, p. 226), “o mundo das águas adquire um sentido e se humaniza como vetor de relação entre o homem e o mundo”, o que mais adiante na narrativa será representado pela criatura ligada ao mundo dos rios, a Cobra-Grande. Assim, em dado momento do conto, o narrador relata o nascimento da filha de Ambrósia, João-Maria, nascimento esse carregado por uma energia quase sobrenatural:

Porque filha de Ambrósia era diferente, ninguém conseguia entender. Desde o nome, João-Maria. Era pra ser Maria, conforme promessa feita, se tivesse vindo ao mundo no devido tempo. Mas, a mãe contava, tudo foi aquela enchente no inesperado. Mexeu com a barriga. O corre-corre pra levantar rede, pendurar mais pra riba paneiros, panelas, trouxas, antes que água pusesse tudo a perder. E sozinha! Nenhum filho de Deus pra dar uma demão. Quando que quem está no seco pelo menos imagina o duro viver do que mora à mercê das águas. A maré subindo, subindo, invadindo tudo (Rosenblatt, 1986, p. 63).

Esse acontecimento, “aquela enchente no inesperado” (Rosenblatt, 1986, p. 63), premedita as relações entre o homem e a natureza. O narrador nos fala de momentos de dificuldades frente à enchente que se instalava na casa de Ambrósia. O conto confirma, portanto, que esse acontecimento foi o principal motivo do nascimento de João-Maria, dada às circunstâncias que a mãe foi levada a realizar, “antes que a água pusesse tudo a perder” (Rosenblatt, 1986, p. 63). A água como elemento natural é símbolo dessas regiões e, em ligação direta com a Cobra-Grande, realça as significações que envolvem o homem e a natureza, uma ligação que alude a uma “convivência natural com o sobrenatural” (Paes Loureiro, 1995, p. 226).

A constituição imaginária da Cobra-Grande também é revelada pela gestação de um animal, a serpente, por João-Maria. Frente a essa situação, coloca-se em questão as forças da natureza como potencializadoras entre o humano e o não-humano. Essa concepção retoma o que Maciel (2023) destaca sobre a posição do animal nos escritos contemporâneos. O compartilhamento entre o humano e não-humano marca o rompimento biológico e se inscreve para além das “fronteiras entre espécies” (Maciel, 2023, p. 23).

Por conseguinte, é traçada uma representação do animal a uma compreensão voltada à vida, gerado na associação entre o homem humano e não-humano. Isso pode ser observado quando Ambrósia leva a filha ao mestre Laurindo, um tipo de xamã, praticante que atua com habilidades espirituais e curativas. Após o nascimento, com a filha desacordada, a mãe, então, vê com surpresa a criatura, “o que mestre Laurindo mostrou-lhe, deu-lhe náuseas. Dentro da bacia uma coisa disforme parecia palpitar” (Rosenblatt, 1986, p. 70).

Diante do gestação da cobra por João-Maria, mestre Laurindo explica o destino serpente:

Isto tem que se cria e é na água. Vai crescê, vai crescê, vai sê quase maió que o rio. Vai formá um reino lá no fundo, com tesouro nunca visto. Mas bote tempo pra sê descoberto. Até que se acabe a última raiz de planta, queimada nessa porção de mata. Até que seque tudo que é nascedouro e os home, sem fruta e sem tê o que bebê, cavem bem fundo. Aí vão achá este reino com as maió riqueza (Rosenblatt, 1986, p.70).

Rosenblatt envolve os personagens em uma comunicação em contato com o homem local e o seu imaginário, em que a imagem poetizante da cobra é estabelecida no “caráter estético da teogonia amazônica” (Paes Loureiro, 1995, p. 235).

Ao final da narrativa, a mãe de João-Maria, sendo conduzida por mestre Laurindo, “viu-os chegarem à beira d’água. Viu-os entrarem maré alta adentro” (Rosenblatt, 2019, p. 71). Essa simbolização mítica ligada ao mundo das águas relaciona-se com a passagem entre o mundo humano e não-humano. A transição de João-Maria ao reino subaquático, seguido da escuridão repentina e dos trovões, marca um rito de passagem entre as espécies e seus mundos. Esse ponto de vista corrobora para entender a degradação da natureza como consequência dessa crise ecológica já citada. Tal como visto no início da narrativa, essa degradação do espaço em que estão inseridas, notada na enchente na casa de Ambrósia e João-Maria, representa a face das dificuldades que as personagens padecem, principalmente Ambrósia ainda grávida. O “reino lá no fundo” (Rosenblatt, 2019, p. 71) pode ser simbolizado como lugar de refúgio frente à crise ecológica. Esse lugar não apenas representa o reino dos seres não-humanos, das serpentes, mas traduz esse espaço rumo a uma conscientização sobre o meio ambiente.

Essa perspectiva atribuída à figura da Cobra-Grande e ao reino em que João-Maria é levada conjuga-se ao que Greg Garrard (2006) fala sobre os estudos que envolvem a relação do humano e não-humano. A união encontrada entre a João-Maria e a Cobra-Grande simboliza, portanto, a abertura de um espaço para pensar as relações entre homem e natureza. O reino é aqui entendido como encontro com o outro, um deslocamento que permite pensar o nosso relacionamento com os animais e a própria natureza. Dessa forma, o sujeito humano em contato com esse outro reconfigura as noções que rodeiam esse relacionamento, permitindo uma “análise crítica do próprio termo ‘humano’” (Garrard, 2006, p. 16). É o caso de Ambrósia e João-Maria. Mãe e filha são encontradas em um ambiente tomado pelas forças das águas, um efeito do relacionamento degradante com o espaço natural, o que permite interpretar, também, a posição do animal como agente pertencente a esse *locus*.

Nessa perspectiva, a relação construída entre o animal e o homem os aproxima a partir de um contágio social, que ao invés de os distinguirem pela classificação taxonômica e científica legada ao longo dos tempos, coloca-os na posição de sujeitos ativos na construção de uma conscientização que diz respeito à natureza e ao relacionamento entre os seres vivos.

No que se refere à produção literária dos escritores que tematizam essas questões, a Zooliteratura busca não apenas demonstrar a presença desses animais nas diferentes formas produzidas entre os escritos, mas no alcance que essas construções artísticas convergem para uma percepção entre a história dos homens e o lugar do mundo natural. Os animais pertencentes a essas narrativas são criaturas híbridas que não apenas funcionam de maneira mais ou menos competentes, mas mantêm um envolvimento de fortes relações com o que o homem acredita ser, sejam elas complexas ou superficiais (Lestel, 2011). É nesse sentido que as autoras conciliam os animais amazônicos à presença do imaginário que se tornou comum ao povo local e aos estrangeiros. Os bichos nessas obras acentuam o encontro entre o homem humano e não-humano, mediante uma união de comunidade ou culturas híbridas, percebidas na relação intercultural entre os imigrantes na Amazônia em *E Deus chorou sobre o rio* ou com a presença dos locais com a natureza em “Mãe de rei”.

A frequência com que as histórias populares afloram no imaginário amazônico, o mítico e o poético se combinam como produtos da imaginação, contemplando, assim, os rios e as florestas e também os animais. Nesse sentido, a percepção dessas questões que envolvem o homem e natureza se converte em uma transformação em larga escala das metáforas sobre esses temas, como bem pontua Greg Garrard (2006). À luz das interpretações realizadas, são percebidos os discursos constantemente aflorados pelos debates ambientalistas, numa investigação cultural que envolve o relacionamento do homem humano com o não-humano,

possibilitando contemplar, portanto, a presença de uma “zoologia imaginária” nos escritos literários, tal como concebidas por Elizabeth Azize e Sultana Levy Rosenblatt.

4 Considerações Finais

Portanto, as narrativas selecionadas para esta pesquisa mostram-se como um favorável espaço para perceber a presença dos animais na literatura, o envolvimento com a natureza e com os seres humanos. Os animais amazônicos – o boto e a Cobra-Grande – evocados em *E Deus chorou sobre o rio* e “Mãe de rei” abrem espaço para entender o relacionamento entre as espécies, em vista da participação que esses bichos ecoam no corpo social da Amazônia. As análises realizadas apontam para os sentidos que os animais exercem no imaginário popular, em especial, dos escritores e escritoras que utilizam a figura desses seres nos escritos literários. Dessa forma, entende-se a importância dos animais na sociedade, quer épocas passadas, como é o caso dos acontecimentos concebidos por Sultana Levy Rosenblatt e de Elizabeth Azize, quer como compreensão desses seres como condutoras de significado na contemporaneidade.

As interpretações realizadas não esgotam as discussões que envolvem o aparecimento dos animais na literatura, do mesmo modo sobre a relação do homem com a natureza, mas possibilitam ampliar a percepção de tais questões em outras produções literárias que têm esses temas como espaço de debate. Entende-se, dessa maneira, a abrangência da Ecocrítica e da Zooliteratura nesse contexto. Esses campos teóricos reforçam o exame investigativo sobre o relacionamento dos seres humanos e não-humanos na natureza, expondo uma miríade de representações que nos intenta refletir sobre a ação do homem no espaço físico e natural.

Com isso, percebe-se que o aparato teórico, nascido de questões prementes do mundo contemporâneo, permite a leitura de textos literários para além de questões circunscritas à representação cultural. Ou seja, embora representem culturalmente os seus contextos, os referidos textos, tanto de Rosenblatt (1986) quanto de Azize (2019), à luz da Ecocrítica e da Zooliteratura, corroboram uma leitura crítica, política e ambiental da Amazônia. Tais relações entre humanos, não-humanos e natureza são deslocadas do segundo plano para o primeiro plano narrativo por meio de uma releitura de mitos e lendas locais associadas, neste caso, simbolicamente à figura de Marmud como boto e a de João-Maria feito a Cobra-Grande, os quais, iluminados pelas noções da zooliteratura, arrolam-se à categoria da “zoologia imaginária”.

Referências

AZIZE, Elizabeth. *E Deus chorou sobre o rio*. 3. ed. Manaus: Valer, 2019.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação social e cultural*. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

CONDE, Alessandra. A AMAZÔNIA JUDAICA NA LITERATURA/THE JEWISH AMAZON IN LITERATURE. *Revista ECOS*, [S. l.], v. 37, n. 02, p. 4–27, 2024. DOI: 10.30681/ecos.v37i02.12497. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/12497>. Acesso em: 21 mar. 2025.

CONDE, Alessandra. Imigrantes italianos e japoneses em narrativas da Amazônia. *Contexto* (ISSN 2358-9566) Vitória, v. 2, n. 46, p. 165-183, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/46017>. Acesso em: 15 abril. 2025.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 33-58.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. 1. ed. São Paulo: Editora Instante, 2023.

MACIEL, Maria Esther. *O animal escrito: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea*. São Paulo: Lumme Editor, 2008.

MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MACIEL, Maria Esther (org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cultura Brasil, 2015.

PIZARRO, Ana. *O voo do tukui*. Tradução: Julia Borges da Silva e André Magnelli. São Paulo: Biblioteca Básica Latino-americana, 2022.

RIBEIRO, Maria Goretti. *Imaginário da serpente de A a Z* [livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, 2017. Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/ebooks/>. ISBN 978-85-7879-374-6. ISBN eBook 978-85-7879-373-9. Acesso em: 30 de julh 2025.

ROSENBLATT, Sultana Levy. *No Pará Parô*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1986.

TORRES, Marie-Hélène. Ecoteorias, ecotradução e (re)descoberta dos relatos de viagem na e sobre a Amazônia. *Rassegna iberistica*, [s. l.], v. 46, n. 120, p. 217-233, 2023. DOI <http://doi.org/10.30687/Ri/2037-6588/2023/21/004>. Disponível em:

<https://edizionicafoscari.it/it/edizioni/riviste/rassegna-iberistica/2023/120/ecoteorias-ecotraducao-e-redescoberta-dos-relatos/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

Recebido: 01/10/2025

Aprovado: 05/11/2025

Publicado: 27/12/2025